

RESUMO EXPANDIDO – MODALIDADE COMUNICAÇÃO ORAL

TRAJETÓRIA DE RESISTÊNCIA DE UMA MULHER INDÍGENA BARÉ NA FORMAÇÃO DOCENTE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA PEDAGOGIA INTERCULTURAL INDÍGENA

Miriam leite da Silva
Universidade do Estado do Amazonas
E-mail: miriam.silva2626@gmail.com
Comunidade Indígena São Thomé, Manaus- Amazonas

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória formativa e docente de uma mulher indígena do povo Baré, evidenciando os processos de resistência, identidade e construção de saberes no contexto da educação intercultural. Trata-se de um relato de experiência de abordagem qualitativa, fundamentado na escrita autobiográfica do tipo memorial. Conforme Prado (2007, p. 45), o memorial consiste em "um texto em que o autor narra acontecimentos significativos de sua trajetória". A pesquisa é subsidiada por estudos desenvolvidos no curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), articulando vivência e teoria. Os resultados revelam que a formação docente indígena é atravessada por desafios estruturais, como interrupção escolar, preconceito de gênero e dificuldades socioeconômicas, mas também se configura como espaço de resistência e afirmação identitária. Em diálogo com Paulo Freire (1987, p. 68), compreende-se que "não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes". Conclui-se que a formação intercultural ultrapassa a dimensão acadêmica, constituindo-se como luta política, território de identidade e instrumento de transformação social.

Palavras-chave: Educação indígena, resistência, interculturalidade



INTRODUÇÃO

A educação escolar indígena na Amazônia constitui-se como um território de luta, identidade e resistência. Este estudo apresenta a trajetória de uma mulher indígena do povo Baré, oriunda da Comunidade Indígena São Thomé rural-ribeirinha, localizada há 120 km no município de Manaus(AM),atualmente acadêmica da Licenciatura em Pedagogia Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Este trabalho integra reflexões subsidiadas por estudos desenvolvidos ao longo da formação acadêmica, articulando saberes científicos e conhecimentos tradicionais. Nesse sentido, a experiência pessoal não é apresentada de forma isolada, mas como produção de conhecimento situada, construída a partir da vivência comunitária, da prática docente e da formação universitária.

A pesquisadora nascida no dia 01 de janeiro de 1989 no município de Novo Airão, com o nome Indígena YACI do povo Baré, casada e mãe de 4 filhos, Filha do Cacique Manoel Chagas da Silva, com profissão de pescador artesanal com o nome Indígena Kunyata Putira, e de dona Petronilia Leite da Silva, com profissão de Anciã, parteira e curandeira, uma das primeiras famílias indígena moradora desta região da margem esquerda do rio negro, descendente do povo Baré da língua nheengatu de tronco Aruak, vindo do alto rio negro do rio Xié de valor inestimável, irmã de 11 irmãos, 6 mulheres e 5 homens.

Aprendeu, assim como todas as outras crianças que os principais princípios para ser um bom cidadão em primeiro lugar é o respeito aos mais velhos anciãos, onde tínham que tomar bênção ao acordar e antes de dormir, tanto dos parentes como dos visitantes, sempre foi um dos princípios mas sagrados entre a família até o dia de hoje, as crianças da minha época tinham o dever de manter um bom comportamento na escola e sem receber advertências para não perder as viagens em família no final do ano ou ficar de castigo e ainda apanhar quando chagasse em casa. De acordo com Paulo Freire (1987, p. 32), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção”, o que dialoga diretamente com a educação indígena, fundamentada na coletividade e na experiência. Além disso, Daniel Munduruku (2012, p. 15) afirma que “saber quem somos é o primeiro passo para o respeito ao outro”, reforçando a importância da

identidade no processo formativo.

Procuramos neste trabalho analisar como a trajetória educacional e docente da autora revela processos de resistência, especialmente enquanto mulher indígena, mãe e estudante, evidenciando a educação como instrumento de transformação social.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, do tipo relato de experiência, fundamentada na escrita autobiográfica (memorial). Conforme Prado (2007), o memorial possibilita ao sujeito narrar sua trajetória, destacando acontecimentos significativos de sua formação e este momento foi instigado por meio da disciplina de Estágio I do Curso de Pedagogia Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Amazonas.

A construção deste trabalho foi subsidiada por estudos teóricos desenvolvidos ao longo do curso de Pedagogia Intercultural Indígena, articulados às experiências vividas pela autora em seu contexto comunitário e educacional.

Os dados foram organizados a partir de eixos temáticos: trajetória escolar, interrupção e retomada dos estudos, atuação docente, experiências na gestão escolar e formação acadêmica.

A análise foi realizada de forma reflexiva, articulando vivência e teoria, compreendendo a experiência como espaço legítimo de produção de conhecimento, especialmente no contexto da educação indígena.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados evidenciam que a trajetória formativa da autora é marcada por múltiplas dimensões de resistência: como mulher, indígena, mãe e estudante. A interrupção dos estudos na infância revela desigualdades estruturais no acesso à educação em comunidades indígenas.

A retomada dos estudos por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) representa um marco importante, configurando-se como prática de resistência e reexistência. O ingresso na docência indígena e na gestão escolar evidencia o protagonismo feminino, mesmo diante de preconceitos que questionam a capacidade das mulheres.

O registro no memorial marca um período de reflexões acerca de construções de

conhecimento por meio da Universidade e nossa vivência no campo de atuação docente, cuja oportunidade nos permite unir teoria e prática, associando aos saberes tradicionais de nossa gente, como forma de fortalecer nossa identidade e pertencimento.




Imagem: Meus pais Manoel Chagas e Petronilia, meus sábios e anciãos.

Ao revisar o cumprimento do plano individual do curso de pedagogia intercultural indígena, é gratificante constatar que muitos dos objetivos estabelecidos foram plenamente realizados. Através deste percurso, adquiri conhecimentos profundos e diversos, fundamentais para a prática docente, e pude aplicar metodologias variadas, adaptando-as de maneira eficaz às diferentes faixas etárias e necessidades educacionais dos alunos (Não há saberes maior ou menor há saberes diferentes, (Paulo freire), Saber quem somos é o primeiro passo para o respeito ao outro que nasce pelo respeito a si mesmo (Daniel Munduruku).

A formação na Pedagogia Intercultural Indígena fortaleceu a identidade da autora, possibilitando reconhecer os saberes ancestrais como conhecimentos legítimos. Nesse sentido, a educação intercultural promove o diálogo entre diferentes formas de conhecimento.

Em consonância com Paulo Freire (1987), a educação deve partir da realidade dos sujeitos, valorizando suas experiências. Da mesma forma, Daniel Munduruku (2012) destaca a centralidade da identidade na construção do conhecimento. Assim, a formação docente indígena configura-se como prática política, cultural e social.

CONCLUSÃO

A trajetória apresentada evidencia que a formação docente de uma mulher indígena Baré não pode ser compreendida apenas como um percurso educacional individual, mas como um processo coletivo de resistência, reexistência e afirmação identitária. Ao narrar sua própria experiência, a autora revela que acessar e permanecer na educação formal, especialmente no ensino superior, implica enfrentar desigualdades históricas, sociais e de gênero, que atravessam

os corpos e as vidas indígenas.

Nesse sentido, a Pedagogia Intercultural Indígena configura-se como um espaço de tensionamento e reconstrução de saberes, no qual os conhecimentos acadêmicos dialogam com os saberes ancestrais, fortalecendo práticas educativas comprometidas com o território, a cultura e a memória dos povos originários. A experiência relatada demonstra que a formação não se limita à aquisição de conteúdos, mas se constitui como prática política, ética e cultural, capaz de ressignificar a própria existência enquanto mulher indígena, mãe, educadora e liderança comunitária.

Além disso, o trabalho evidencia que a presença de mulheres indígenas na universidade rompe com silenciamentos históricos e amplia as possibilidades de produção de conhecimento a partir de outras epistemologias, fundamentadas na oralidade, na coletividade e na relação com a natureza. Trata-se, portanto, de uma luta que ultrapassa o âmbito individual, tornando-se parte de um movimento maior de valorização e reconhecimento dos povos indígenas no campo educacional.

Por fim, reafirma-se a urgência de políticas públicas que assegurem não apenas o acesso, mas a permanência e o êxito de estudantes indígenas na educação superior, respeitando suas especificidades culturais. Assim, a trajetória aqui narrada não é apenas um relato de experiência, mas um testemunho de resistência viva, que contribui para a construção de uma educação mais justa, plural e intercultural**.**

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro**. São Paulo: Paulinas, 2012.

PRADO, Guilherme do Val Toledo. **Memorial:** gênero acadêmico e formação de professores. Campinas: Unicamp, 2007.